



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCCG
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE – CES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS COM ÊNFASE EM ECONOMIA SOLIDÁRIA NO
SEMIÁRIDO PARAIBANO
CAMPUS CUITÉ



IANDRA NADYEDJA FERREIRA DANTAS

**A QUESTÃO DA LEITURA NO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO NO
MUNICÍPIO DE CUITÉ – UM ESTUDO DE CASO.**

Cuité/PB
2013

IANDRA NADYEDJA FERREIRA DANTAS

**A QUESTÃO DA LEITURA NO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO NO
MUNICÍPIO DE CUITÉ – UM ESTUDO DE CASO.**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação de Jovens Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano da Universidade Federal de Campina Grande, Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários.

ORIENTADOR: PROFESSOR DR RAMILTON MARINHO COSTA

Cuité/PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

D192q

Dantas, Iandra Nadyedja Ferreira.

A questão da leitura no Programa Brasil Alfabetizado no município de Cuité: um estudo de caso. / Iandra Nadyedja Ferreira Dantas – Cuité: CES, 2013.

27 fl.

Monografia (Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2013.

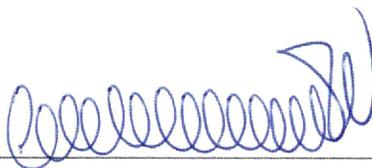
Orientador: Dr. Ramilton Marinho Costa.

1. Leitura. 2. Alfabetização de adultos. 3. Programa Brasil Alfabetizado. I. Título.

CDU 028

**A QUESTÃO DA LEITURA NO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO NO
MUNICÍPIO DE CUITÉ – UM ESTUDO DE CASO.**

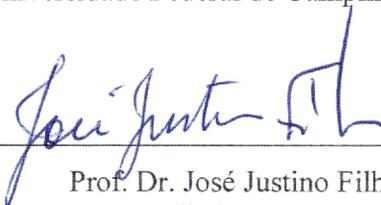
Monografia apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano da Universidade Federal de Campina Grande, Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários para apreciação e parecer com fins de realização de obtenção do título de pós graduada.



Prof. Dr. Ramilton Marinho da Costa
Orientador
Universidade Federal de Campina Grande



Prof. Dr. José Carlos Oliveira Santos
Avaliador Interno
Universidade Federal de Campina Grande



Prof. Dr. José Justino Filho
Avaliador Interno
Universidade Federal de Campina Grande

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer desta jornada em especial: A Deus, a quem devo minha vida

A minha família que sempre me apoiou nos estudos e nas escolhas tomadas.

Aos meus colegas pelo companheirismo e disponibilidade para me auxiliar em vários momentos.

Ao meu Orientador Prof. Ramilton Mainho que teve papel fundamental neste trabalho.

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa contempla a análise da prática de leitura na educação de jovens adultos Brasil Alfabetizado no município de Cuité-PB, durante dois meses. Buscamos verificar como o trabalho docente influencia na aprendizagem dos alunos da EJA, visto que ainda há grande dificuldade de leitura. A metodologia partiu de observação direta nas aulas e de entrevista para professores, confrontando a teoria com a prática buscamos estabelecer as diretrizes que norteiam o trabalho dos docentes. A investigação mostrou que a teoria não condiz com a prática vista em sala de aula, e ainda, que esta prática é concebida dentro de uma concepção de leitura decodificadora, onde as estratégias usadas são a seleção e inferência, o que leva apenas o aluno a decodificação do texto. O que nos faz concluir que a prática de leitura realizada pelos professores ainda está muito distante de práticas que levem os alunos a se tornarem leitores proficientes, ativos e críticos.

Palavras-chave: Leitura, Alfabetização de Adultos, Programa Brasil Alfabetizado

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1. A Leitura como Decodificação Idealizada.....	12
2.2. Teoria Cognitiva.....	13
2.3. Teorias Interacionais de Leitura.....	14
2.4. Teorias Sócio-Políticas.....	15
2.5. As Possibilidades da Economia Solidária.....	16
3. METODOLOGIA.....	17
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	18
4.1 Prática de Leitura.....	18
4.2 Estratégias de Leitura na Educação de Adultos.....	19
4.3 Prática Docente: Teoria Versus Prática.....	21
4.4 Visão dos Docentes.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26
7. ANEXOS.....	27

1. INTRODUÇÃO

Saber ler é condição essencial para participar social e culturalmente da sociedade, pois é através da educação que o ser humano pode melhor se comunicar, melhorar o acesso às informações, expressar-se e defender seus pontos de vista, como também partilhar e construir conhecimento. Neste enfoque, a escola tem um papel importante e responsabilidade em garantir acesso ao aprendizado, como condição fundamental para o exercício da cidadania. Mas em muitos casos, a escola trabalha a leitura simplesmente como decodificadora de sinais, ou convertendo letras em sons, sendo a compensação consequência natural dessas ações.

Para tentar solucionar essa problemática, fez-se necessário abordar a importância da prática de leitura para o eficaz desenvolvimento do aprendizado. Neste contexto, a presente pesquisa tem por objetivo verificar a prática dos professores do Brasil Alfabetizado na Zona Urbana do Município de Cuité-PB, seus métodos e as formas utilizadas para o desenvolvimento da leitura em sala de aula, buscando detectar o desempenho do professor como mediador da leitura e por fim, verificar se a metodologia utilizada pelo professor está colaborando para a aprendizagem dos alunos.

A pesquisa empírica ocorreu através da observação da prática pedagógica em sala de aula no cotidiano escolar e através de entrevistas com os docentes, composta de questões abertas. A fim de garantir a confiabilidade dos resultados obtidos nesta pesquisa, tivemos, como procedimento inicial a elaboração de um instrumento de registro das observações, onde foram feitas as anotações de fatos relevantes ao estudo. E entrevistamos 3 professores, todos do Brasil Alfabetizado. Vale acrescentar que os sujeitos da pesquisa são zona urbana da referida cidade. Após a coleta de dados, realizamos a organização e análise do material coletado, seguindo-se a interpretação dos resultados.

Para melhor compreensão do trabalho buscamos dividi-lo em três partes: na primeira seção, abordamos a fundamentação teórica, a respeito do tema em estudo; na segunda parte, apresenta-se a metodologia considerada na realização desta pesquisa e no final, contempla-se a análise dos dados realizada na escola alvo da pesquisa.



2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A leitura é uma prática muito antiga da humanidade, verifica-se que mesmo antes da leitura dos primeiros signos o homem fazia leitura do que estava ao seu redor, essa leitura podia ser da natureza, do tempo, das pessoas, suas fisionomias, até mesmo de ruídos. Nessa perspectiva, a leitura seria bem mais abrangente do que apenas decodificar sinais, seria toda e qualquer ação para dar significado a algo. Como nos esclarece Brandão e Micheletti (2002, p. 13):

O ator de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra [...] O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva. Ao contrário, para essa concepção de leitura, o leitor é um elemento ativo no processo.

Percebemos que a leitura é um processo pelo qual o leitor é ser ativo na construção do conhecimento verificando não só a fala do autor, mas buscando levantar próprias conclusões acerca do que o texto sugere, não aceitando apenas o parecer do autor sobre o assunto. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (2001, p. 53), ao inteirar o conceito de leitura dispõe da seguinte consideração:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua, características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.

Entendemos que a metodologia da leitura não é tão somente retirar subsídios da escrita, descodificando-o caractere por caractere, termo por termo. Trata-se de um procedimento que implica, precisamente, entendimento através do qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Vemos que a escola como principal agente mediador da leitura precisa conscientizar-se que para muitas pessoas este é o único local que têm acesso à leitura. Então, faz-se, necessário um repensar da prática em sala, pois uma prática empobrecida de leitura não fará do aluno um leitor que goste de ler nem

muito menos alguém proficiente, isto é, não passará de um mero decodificador de palavras que não terão significado algum no seu cotidiano.

Nesta mesma ótica Aldrigues (2005, p. 18) e outros, nos elucidam que

A leitura é um processo não linear, dinâmico na inter-relação de vários componentes utilizados para o acesso ao sentido do texto. Trata-se de uma atividade essencialmente preditiva, de formulação de hipóteses, para a qual o leitor precisa utilizar seu conhecimento linguístico, conceitual e sua experiência.

Pode-se dizer que quando maior for o domínio da leitura, maior será a capacidade de se apoderar de seus usos, fazendo do leitor um ser ativo na construção do conhecimento. Assim, ainda conforme a visão dos PCN's (2001, p. 54), "formar um leitor competente supõe formar alguém que compreende o que lê, que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando os elementos implícitos". Percebe-se que leitura neste prisma não está ligada apenas a decodificações de sinais, é algo que constitui afinidades entre o texto que lê e outros textos já lidos, que saiba que várias opiniões podem ser infligidas a um texto e que tenha condições de explicar e corroborar a sua leitura a partir da localização de subsídios discursivos".

Entendemos que para se formar um leitor que detenha o conhecimento e dele faça uso efetivo é necessário possibilitar que este tenha assegurado o direito de formar-se por uma prática permanente de leitura de textos, tendo como objetivo construir uma nova sociedade capaz de compreender o que a envolve e, portanto, com uma consciência crítica.

A leitura deve ser uma atividade reflexiva. E essa atividade deve ser realizada, na escola, com intervenção do professor, um leitor, *a priori*, proficiente. Logo, construir o hábito de leitura nos alunos demanda refletir sobre a formação e a atuação do professor, como sujeito-leitor e sujeito formador de leitores (VALE, 2002, p. 83).

Percebemos que a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, daquilo que conhece da língua. Podemos afirmar que a leitura se constitui como um fator decisivo, por que através dela, temos a oportunidade de ampliar e aprofundar os estudos, visto que os textos são uma fonte, praticamente, inesgotável de conhecimentos.

De acordo com Lakatos e Marconi (1995, p. 21), "ler significa conhecer, interpretar, decifrar". A maior parte dos conhecimentos é obtida através da leitura, que possibilita não só

a ampliação, como também o aprofundamento do saber em determinado campo cultural ou científico. Segundo Galliano (1986), toda leitura cultural tem sempre destino, não caminha a esmo. Esse destino pode ser a busca, assimilação, a retenção, a crítica, a comparação, a verificação e a integração de conhecimentos. Conforme Freire (1982, p. 23), “ao se conceber o ato de ler como um processo dinâmico, naturalmente se está priorizando a formação de leitor crítico e criativo”.

A prática da leitura não se esgota na simples decodificação de sinais gráficos. Ela implica uma atividade que pressupõe a interação leitor-texto. Privilegia-se o leitor crítico e criativo, respeitando e estimulando a expressão de uma leitura que é feita da realidade, esse deveria ser o pensamento de todo professor a encarar a leitura como algo dinâmico no processo de construção do conhecimento. Vemos que a leitura vai, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. Leituras são práticas que permitem ao sujeito construir seus conhecimentos sobre diferentes gêneros, sobre os procedimentos adequados para lê-los.

Segundo Freire (1997, p. 56), “leitura também é investigação científica favorecendo a obtenção de informações existentes”, que ao se conceber o ato de ler como processo dinâmico naturalmente se está priorizando a formação de um leitor crítico e participativo.

Verificamos em todas estas falas que a leitura é algo dinâmico, não estático, onde leitor e texto interagem de forma que o primeiro faz com que o outro ganhe vida. Nessa dinâmica o professor mediador é aquele que atua no auxílio da prática de leitura, para que o leitor inexperiente possa aprender a utilizar predições e inferências do que está sendo lido, isto é, dialogar com o autor, aceitando ou não seu ponto de vista, buscando refletir sobre suas hipóteses, numa interlocução que vai além do que está explícito no texto. Entretanto, percebemos que este modo de ver a leitura é apenas uma de várias concepções.

2.1 A leitura como decodificação idealiza

A leitura como decodificação idealiza a leitura como a decodificação sonora da palavra escrita.

Essa concepção dá lugar as leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno. A atividade compõe-se de uma série de automatismos de identificação e pareamento das palavras do texto com as palavras idênticas numa pergunta ou comentário. (KLEIMAN, 2004, p. 20).

Percebemos que nesta prática a informação flui do texto para o leitor, ou seja, este só utiliza os dados presentes na escrita para compreendê-la. Dessa forma, a leitura é um processo que precisa responder a uma pergunta inicial e o papel do aluno é recorrer os olhos para responder essa pergunta. O estudante passa a compreender a leitura como meramente processo oral que é associada ao significado (BEZERRA,2002). São processos lineares, sintéticos e indutivos de leitura.

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta dessa concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler (PCN, 1997, p. 55).

Vemos que nesta concepção o leitor não atua na prática de leitura, é ser passivo e mero receptáculo de informações, de nada vale sua opinião nem seu conhecimento prévio acerca do assunto.

2.2 Teoria Cognitiva

De matiz psicolinguístico, a teoria cognitiva aumenta a unidade de estudo e defende a ideia de que o significado do texto está na mente do leitor, “a informação vem do leitor, através de seus conhecimentos prévios, de suas hipóteses, para o texto: leitura é, então, uma construção de sentidos” (BEZERRA, 2002, p. 11). Entendemos que a informação sai do leitor, por meio de seus conhecimentos anteriores, onde estes conhecimentos estão organizados em estruturas de leituras denominadas de esquemas, quadros, molduras, etc. Podemos então dizer, que o leitor identifica suas ideias gerais e centrais, encontrando soluções antecipadamente, sem aprová-las com os dados do texto.

Notamos que a ênfase dada ao leitor nesta concepção é considerada por nós demasiada já que o texto não teria tanta influência no entendimento do leitor, o que consideramos um erro, pois como afirmar Bezerra (2002), o leitor pode fazer leituras errôneas comprometendo todas as informações presentes do texto.

2.3 Teorias Interacionais de Leitura

De evidência cognitiva e comunicativa, pondera a leitura como um processo, ao mesmo tempo, perceptivo e cognitivo. O leitor nesta concepção “usa sua competência como leitor e interage com o autor, por meio de procedimentos interpretativos, seguindo as pistas linguísticas que este deixa no texto, para aquele tentar chegar às suas interações” (BEZERRA, 2002, p. 12).

Assim vemos que, nessa teoria o ato de ler envolve tanto a informação escrita quanto a informação que o leitor tem acerca de sua visão do mundo.

A leitura é um processo que envolve uma série de estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação. É o uso desses procedimentos que permitem controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas, etc (PCN, 1997, p. 54).

Vemos que nesta concepção a informação nem está no leitor e nem no texto, mas sim na inter-relação entre os dois,

Nesta perspectiva, a leitura apresenta-se de maneira bidirecional, ou seja, a informação fluindo do texto para o leitor (processo perceptivo) e do leitor para o texto (processo cognitivo) [...] O significado é construído através do processo de interação entre leitor e escritor (VALE, 2002, p. 85).

Esse tipo de prática de leitura faz do leitor um ser ativo na construção do conhecimento, defendido pela maioria dos autores aqui estudados, mas não constatados na prática de sala de aula como percebido na fala de Kleiman (2004, p. 24)

em vez de um discurso que é construído conjuntamente por professor e alunos, temos primeiro uma leitura silenciosa ou em voz alta, e depois, uma série de pontos a serem discutidos, por meio de perguntas sobre o texto, que não levam em conta se o aluno de fato o compreendeu.

Assim, além de práticas empobrecidas de leitura que temos em sala de aula, vemos professores com métodos que não auxiliam no entendimento dos textos. Dessa maneira vemos professores que ainda não conseguem auxiliar os alunos na construção de uma leitura dinâmica, pois se percebe que o discurso nem sempre acontece na prática em sala de aula

2.4 Teorias Sócio-Políticas

De base sociológica, antropológica, cognitiva e educacional, concebe a leitura como prática social imprescindível para a sobrevivência nos centros urbanos e também rurais.

Nesta perspectiva sócio interacionista, o leitor não busca apenas ampliar seus conhecimentos, procura, também, o prazer na leitura [...] O objetivo, portanto, é formar o leitor-crítico, que reflete sobre a sua realidade, a partir de leituras de gênero variados, procurando perceber a natureza argumentativa-persuasiva de cada texto lido. A leitura assim concebida, é vista como processo político, comprometida com a transformação social tornando-se, por conseguinte, um instrumento de acesso ao poder (VALE, 2002, p, 85).

Entendemos que esta concepção é importante não só pelo valor intrínseco, mas pelo valor que é atribuído à sociedade. Segundo Foucambert (apud BEZERRA 2002, p. 12), “a leitura é vista como um instrumento de conquista de poder, e a distância entre leitores e não-leitores reproduz a divisão social entre o poder e a exclusão, entre as classes dominantes e aquele que são apenas executores”.

Esta teoria é também chamada de letramento. Ela envolve não apenas a atividade de aprender a ler e escrever, mas também todos os usos e funções da escrita e leitura para o convívio em sociedade. “Letramento, é o estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral” (SOARES, 2005, p. 118).

Essa condição de letrado dá ao leitor não só o domínio da leitura de textos, permitindo que o mesmo possa fazer uso dos mesmos, mas também dá a condição de usá-la de forma eficaz, fazendo do leitor uma pessoa dotada de capacidade para compreender o que lê e assim usufruir dessa leitura no seu cotidiano.

2.5. A Possibilidade da Economia Solidária

Ao falar em Economia Solidária, chegamos ao que interessa quando vislumbramos a possibilidade de um processo no qual a leitura esteja atrelada a uma leitura de transformação do mundo através do trabalho.

Mas, como pensar em algo que hoje é intrinsecamente capitalista como a economia do nosso sistema social, de forma solidaria e não individualista? Sim é possível driblar o egoísmo e a ganância e para isso, só é preciso união, aprendizado, bom senso e cooperação que se adequaria perfeitamente a um projeto como o Brasil Alfabetizado.

O conceito de Economia Solidaria está ligado ao entendimento do trabalho como meio de libertação humano dentro de um processo de democratização econômica, onde a igualdade de propriedade e trabalho guia o crescimento coletivo. Em palavras objetivas segue abaixo a definição de o que é Economia solidaria: Compreende uma diversidade de pratica econômica e sociais organizadas sob a forma de cooperativa, associações, clube de trocas, empresas autogestionarias, redes de serviços, financias solidarias, trocas, comércios justos e consumo solidário.

Além disso, é possível identificar diversas formas deste tipo de economia também quando falamos de agricultura familiar, fundos solidários e rotativos de créditos, clube e grupos de trocas solidarias, ecovilas, redes de articulações de comercialização e de cadeias produtivas solidarias, lojas de comércios justos, agencia de turismo solidário e por ai vai. Formas de se fazer da economia um instrumento de progresso e fortalecimento social igualitário não falam.

A Economia Solidaria engloba em seu conceito em sua prática dimensões Sociais, Econômica, Política, Ecológica, Cultural e isso faz dela algo singular e ao mesmo tempo, pluridirecional. Além de fortalecer diversas esferas, este tipo de economia enobrece o individuo ao lhe devolve o sentimento de autonomia e de igualdade, visto que não existe espoliação por parte de um superior e os sujeitos têm direitos e deveres iguais dentro de um processo de produção e distribuição de renda.

Além de cultivar valores e atitudes primordiais, a economia solidaria é uma grande aliada no combate à pobreza e ao desemprego, ao gerar oportunidades iguais aos envolvidos, distribuir renda e conhecimento e amplificar o sentido de coletividade, solidariedade e união. Um processo pedagógico deve conter e cultivar esses mesmos valores, gerando novas possibilidades de mudanças individuais e coletivas.

3. METODOLOGIA

O Brasil Alfabetizado é um programa voltado a Alfabetização de Jovens, Adultos e Idoso e a formação de Alfabetizadores, com o objetivo de universalizar o acesso a educação .

O Programa é parte integrante da Política de Educação de Jovens e Adultos (EJA) sendo considerada a porta de entrada para o Ensino Fundamental e Médio de Jovens, Adultos e Idosos. É desenvolvida em todo território Nacional, por meio de transferência de recurso financeiros, em caráter suplementar, aos entes federados que aderem ao programa por meio do pagamento de bolsa benefício e voluntários que atuam como professores de alfabetização, coordenadores de turmas e tutores.

O programa tem duração de 8 meses, 4 dias por semana, 2 horas por dia.

Aqui em Cuité ele funciona da seguinte forma: pelo Estado é formado por 12 turmas cada uma com 16 alunos. As turmas funcionam nas garagens das residências de cada alfabetizador porque o programa vai em busca do aluno na comunidade onde ele está inserido, caso o alfabetizador não consiga cadastrar 16 alunos que é o mínimo, a turma não é formada.

Através da coordenação do programa, selecionei três turmas: uma no centro e as outras duas no Bairro da Saudade. Duas dessas turmas funcionavam em garagem e uma no canto de uma sala da residência da própria alfabetizadora.

Para pesquisa em questão, utilizou-se a observação direta e a utilização de entrevistas – a partir de temas norteadores da pesquisa - com 03 professores do Brasil Alfabetizados das turmas de jovens e adultos. As entrevistas foram gravadas em vídeos e observações realizadas em caderno de campo.

As observações *in loco* foram feitas em quatro visitas a cada uma, em cada uma delas participei apenas como observadora externa, fazendo anotações no caderno de campo. No final das atividades participei de conversas informais com docentes e alunos, buscando esclarecer dúvidas acerca das questões aqui levantadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. A Prática da Leitura

Diante das observações feitas em três salas de aula do Programa Brasil Alfabetizado, é importante ressaltar:

Primeiro, a falta de estrutura em termo de ambiente próprio e espaço propício, já que as turmas funcionam em garagens ou outros espaços improvisados, dentro da própria casa do educador.

Segundo, o material didático utilizado resume-se praticamente, lápis de cor, borracha, uma cartilha, que nem sempre a seguida. Em uma das turmas pesquisadas, não havia quadro.

Terceiro, os educadores recebem bolsa-benefício pagas pelo governo federal. É feita uma seleção através de currículo, pela 4 Gerência Regional de Ensino – que também se encarrega de distribuir o material.

Existe uma capacitação na entrada do docente e a cada 15 dias.

Quinto, o público de alunos é formado na maior parte por idosos. Porém nem sempre o material e a metodologia adotada é própria e específica para esta clientela.

Sexto, os alfabetizadores trabalham na leitura pequenos textos, mas na maior parte, com a decodificação de palavras, deslocadas de qualquer contexto mais geral. Trabalham atividades envolvendo o alfabeto, recorte e colagem, caça palavras, ditados. Há também os alfabetizadores fazem brincadeiras com os alunos para que eles fiquem estimulados a não desistirem.

O cotidiano escolar da educação de jovens e adultos(EJA) reflete práticas que nem sempre condizem com as teorias subjacentes aos autores estudados até o momento, sendo verificando nesse processo práticas empobrecidas que não estão vinculados a realidade do aluno, tornando-o apenas um mero decodificador de textos, que em sua maioria não acrescentam em nada o conhecimento que este aluno leva para sua realidade.

No geral, como visto nas visitas em sala de aula e mostrado no material em anexo, a leitura se dá de forma completamente descontextualizada da realidade do aluno. Na maior parte, partindo da nomeação de objetos, muitos desses longe de terem uma importância significativa na vivência e experiência do aluno.

Verificamos como prática comum leituras orais que se baseiam em geral, em uma forma de avaliação do professor justificada pelo fato do aluno está ou não apreendendo a língua escrita. Entretanto, essa prática é bastante criticada entre os autores como Bamberger.(1987, p. 25), que nos esclarece que “em muitos países a leitura dentro da sala de aula é, em geral, feita oralmente. Os alunos são assim inconscientemente treinados a lerem palavra por palavra, em lugar de apreenderem unidades de pensamentos”.

Kleiman (2004, p. 21) afirma que está prática pouco tem a contribuir para o crescimento intelectual do aluno, uma vez que o dialeto de cada pessoa muda conforme sua condição social, cultural, e histórica.

A prática é justificada porque permitiria ao professor “perceber se o aluno está entendendo ou não. Apesar de sabermos que é mais fácil perder o fio da estória quando estamos prestando atenção à forma, à pronúncia, à pontuação, aspectos que devem ser atendidos quando estamos lendo em voz alta.

Percebemos uma contraposição nas falas de Bamberger (1987) e Kleiman (2004), o que poderia nos deixar pensativos sobre a melhor prática para trabalhar em sala de aula, o que consideramos salutar, uma vez que nos leva a refletir sobre diversas práticas e não aceitarmos toda afirmativa como dogmas a serem seguidos a qualquer custo.

Entretanto fica-nos a interrogativa, de qual prática deveria ser trabalhada em sala de aula, para que pudesse favorecer aos alunos a motivação e conseqüentemente futuros leitores, capazes de ler, escrever e praticar este hábito socialmente? Sobre essa questão os PCN's (1997, p. 54) nos esclarecem:

Um leitor competente só pode construir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

4.2. Estratégias de leitura na Educação de Jovens e Adultos

Quando se trata da leitura na educação de jovens e adultos é preciso levar em conta que existem várias estratégias de leitura que devem ser ponderadas pelo professor no momento da abordagem de um texto, pois a maneira como o aluno irá compreender o texto

depende muito da estratégia que o professor irá usar para facilitar a compreensão do mesmo. Assim Soligo (2005, p. 138) nos esclarece que “uma estratégia de leitura é um amplo esquema para obter avaliar e utilizar informação”.

Essa prática de abordagem permite que o professor lance mão de estratégias de leitura para provocar uma compreensão que apenas com a leitura do aluno talvez não fosse possível. Entretanto, o professor precisa conhecer as estratégias de leitura buscando saber quando abordá-las visto que cada uma tem sua função dentro do texto. A leitura fluente envolve uma série de outras estratégias, isto é, de recursos para construir significado, sem elas, não é possível alcançar rapidez e proficiência.

Apresentaremos uma leve descrição das estratégias de leitura a contemplar inicialmente as estratégias de seleção.

Estratégias de seleção permitem que o leitor se atenha apenas aos índices úteis, desprezando os irrelevantes. Ao ler, fazemos isso o tempo todo: nosso cérebro “sabe”, por exemplo, que não precisa se deter na que vem após o “q”, pois certamente será “u”, ou que nem sempre é o caso de se fixar nos artigos, pois o gênero está definido pelo substantivo (SOLIGO, 2005, p. 138).

Ao utilizar a estratégia de seleção o leitor pode ler apenas o que é necessário para alcançar seus objetivos, uma vez que esta estratégia permite uma leitura superficial do texto, o que para leitores eficientes é uma ferramenta importante, uma vez que na sociedade atual pede-se cada vez mais da qualidade e agilidade do indivíduo.

Corroborando com a fala de Soligo (2005), os PCN's (1997, p. 53) nos elucidam que, “estratégias de seleção possibilitam ao leitor se ater aos índices úteis, desprezando os irrelevantes”, assim a totalidade do texto pode ser facilmente desprezada, a partir do momento em que o leitor souber utilizar esta estratégia ele poderá ganhar mais agilidade em suas leituras.

Entretanto, vemos também que esta estratégia pode fazer com que o leitor inexperiente possa fazer pseudoleituras uma vez que, ao ler um texto superficialmente estaria apenas captando alguns pontos que poderia causar uma compreensão errônea do texto.

Compreendemos que ao lançar mão de estratégia de seleção o leitor estaria utilizando apenas uma das estratégias, que se não usada corretamente poderia causar equívocos e só lançando mão de outras estratégias poderia ser confirmado o que o autor quis dizer.

Outra estratégia cognitiva é a de inferência que “permitem captar o que não está dito do texto de forma explícita. A inferência é aquilo que lemos, mas não está escrito. São

adivinhações baseadas tanto em pistas dadas pelo próprio texto como em conhecimentos que o leitor possui” (SOLIGO, 2005, p. 139).

Esta estratégia permite o leitor tirar suas próprias conclusões com relação ao texto. Essas estratégias inconscientes podem ser monitoradas, pelas que se dão a nível de consciência, as metacognitivas, “comportamento desautorizado com que regulamos a nossa cognição” (BROWN apud ALDRIGUES, 2005, p. 44).

Das estratégias metacognitivas a estratégia de antecipação torna possível prever o que ainda está por vir, com base em informações explícitas e em suposições.

Se a linguagem não for muito rebuscada e o conteúdo não for muito novo, nem muito difícil é possível eliminar letras em cada uma das palavras escritas em um texto, e até mesmo uma palavra a cada cinco outras, sem que a falta de informações prejudique a compreensão. Além de letras, sílabas e palavra, antecipamos significados (SOLIGO, 2005, p. 138).

Nos PCN’s (1997, p. 53), a estratégia de antecipação é concebida da seguinte maneira: “permitem supor o que ainda está por vir”. Assim, percebemos que esta estratégia faz com que o leitor use conhecimentos previamente obtidos em outros textos e dialogue com os autores dando seu ponto de vista.

Entendemos que o professor precisa ter consciência dessas estratégias para poder ajudar os alunos na compreensão dos textos, já que se espera dele um leitor capaz de mediar o conhecimento com o aluno, numa relação de reciprocidade constante.

Por último, mas não mesmo importante temos as estratégias de verificação, que “tornam impossível o ‘controle’, sobre a eficácia ou não das demais estratégias” (PCN’s 1997, p. 53). Assim vemos que só conhecendo e aperfeiçoando o trabalho com as estratégias de leitura podemos melhorar a qualidade dos leitores que temos em nossas salas de aulas.

4.3. Prática Docente: teoria versus prática

Ao analisarmos a prática de sala de aula percebemos uma grande dicotomia existente entre a fala dos professores e sua vivência com os alunos da EJA. Observamos também na fala dos alunos que estes professores cometem os mesmos erros observados pelos teóricos nas suas pesquisas que serviram do embasamento para esta pesquisa, dando assim origem aos nossos questionamentos.

“Leitura é um processo de construção no qual o aluno decodifica letras, mas não é só isso, além de decodificar ele busca utilizar essa leitura para sua vida, fazendo da leitura uma prática diária” Kleiman (2004),

Identificamos entre os professores pesquisados que leitura não é uma atividade corriqueira como outra qualquer dentro da escola. Na verdade ela é feita apenas como uma avaliação.

Fora da escola, não se lê, só para aprender a ler; não se lê uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se respondem a perguntas de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas, não se fazem desenhos para mostra o que mais gostou e raramente se lê em voz alta, ou seja: a prática constante de leitura não significa a repetição infundável dessas atividades escolares. (SOLIGO, 2005, p, 139).

Vimos isto acontecer em ambas as salas, em todos os encontros. A prática de leitura utilizando desenhos, ditados de palavras retiradas do texto, exercício mimeografados, e tantos outros motivos nos levaram a crer que há um distanciamento muito grande entre a escola e a sociedade, uma vez que a sociedade usa a leitura num processo dinâmico, abrangente e complexo.

4.4. A Visão dos Docentes

De uma forma geral, a pesquisa identifica que a maioria dos professores entrevistados não possui consciência do ato de ler como processo pedagógico.

Percebe-se que o conceito de leitura ainda é muito desconhecido no meio dos educadores entrevistados.

Questionados sobre a metodologia utilizada no dia a dia com os seus alunos com relação à leitura, constatou-se que as duas educadoras trabalham com o quadro e o caderno, uma trabalha só com caderno, por não ter acesso ao quadro em sua sala de aula.

As educadoras entrevistadas colocaram as dificuldades de assimilação dos alunos no processo de leitura, principalmente no que tange as trocas de letras e nas dificuldades da formação das palavras. Uma educadora salientou a gratificação de acompanharem o processo de aprendizado dos alunos nessa etapa de formação inicial.

Quanto as possibilidades de mudança, as respostas caminham num mesmo sentido de indicar que a falta de material e de tempo por partes dos alunos para estudarem são os maiores desafios para desenvolver um projeto de leitura consistente..

Solicitando uma reflexão dos professores com base na teoria e metodologia Freiriana, segundo a qual os alunos desenvolvem melhor a leitura, na medida em que aprendem a partir da sua realidade concreta de onde se extrai ideias-chave motivadoras e transformadora, teve-se uma resposta como um consenso. Todos entrevistados colocaram como muito importante a proposta de Freire, pois a associação de letras, palavras com imagens do seu cotidiano facilita o processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostra que existe uma prática de leitura em nossas salas de aula muito empobrecida com relação à interação entre os alunos e o texto. Nossa pesquisa apresentou essa dicotomia entre o ensino e a aprendizagem. Vemos ainda que falta ao professor um olhar mais detalhado da educação, para uma redefinição de seu papel em sociedade, buscando com isso uma ampliação da sua fala para a sala de aula.

Contudo, vimos que a prática de leitura limitada e parcial não é exclusividade do que foi identificado na pesquisa.

Ao conceber a leitura como decodificação o aluno acaba criando aversão à leitura já que essa é voltada exclusivamente para leitura em voz alta ou silenciosa e cópia do texto. Daí fazer, quando fazer leituras empobrecidas de textos que não refletem nem são mediadas pela sua realidade e pelo seu imaginário pessoal e social.

Dessa maneira, temos que ressignificar a prática de leitura partindo do conhecimento prévio do aluno e das práticas que ele traz para a sala, fazendo de sua vivência o alicerce para as aulas de leitura, pois só assim poderemos ter alunos que leem não mais por obrigação e sim por prazer, de uma forma ativa, crítica e criativa.

Entretanto, vemos que falta muito material de leitura, em termo de quantidade e qualidade, para a sala de aula, que em geral só se utilizam do livro didático como suporte metodológico, que mesmo sendo usado à risca, mesmo sendo visto como material empobrecido, pois só se utiliza de textos como pretexto para atividades posteriores como a gramática, a cópia e/ou exercícios escritos.

Embora nossa pretensão tenha sido a análise bastante restrita e focalizada em entrevistas com três professores do município de Cuité, acerca da relação a leitura e a escrita na prática pedagógica na educação de jovens e adultos Brasil Alfabetizado do município de Cuité, podemos adiantar algumas observações à título de conclusão.

O quemais chamou a atenção nas entrevistas foram às respostas curtas e muitas vezes vagas sobre as questões postas. Temas complexos sobre educação respondidos em poucas palavras. Suponhamos que seja, talvez, o cansaço cotidiano de serem violentados em seus direitos básicos, como a falta de um salário digno, condições estruturais negativas da escola e da vida dos alunos, ou o mesmo odesinteresse de refletir de forma mais aprofundada sobre os

UFMG/BIBLIOTECA

modus operandi de sua profissão de educadoras. Isso fica mais patente na pergunta que solicita sugestão de melhoria para o ensino de leitura e escrita, as respostas foram em geral vagas e vagarosas.

É visível a falta de cursos regulares de capacitação para os profissionais atualmente nas salas da EJA, para que os mesmos possam refletir melhor sobre a sua prática e criarem estratégias para modificar essa prática descontextualizada. Além de um maior investimento por parte do Município, subsidiando materiais didáticos para que possam criar ambientes estimuladores do processo da aquisição da leitura e escrita.

Porém, o mais importante que foi observado em sala de aula é quanto a própria metodologia aplicada no processo de ensino da leitura e escrita. O aluno adulto é infantilizado, a metodologia despreza a sua experiência e vivência pessoal e social, dificultando a própria leitura do mundo e a sua transformação.

Como este curso nos abriu a perspectiva da economia solidária, vemos essa como uma das possibilidades de resolver a dicotomia e a separação entre o educando adulto e a sua realidade, entre a realidade presente e a sua transformação. Através de práticas de economia solidária, a leitura poderia fazer parte de um processo cotidiano, vivido, representado e, também, transformado pelo aluno.

6. REFERÊNCIAS

ALDRIGUES, A. C. de S. Estratégias de Leitura. IN: **Curso de formação de educadores de jovens e adultos** – 1º segmento. UFPB, João Pessoa 2005.

_____. **O Processo de leitura**: Perspectiva Sócio-psicolinguística. Secretaria da Educação da Paraíba. Unidade de Desenvolvimento de Recursos Humanos – UDRH. João Pessoa, 1998.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. Ática. São Paulo, 1987.

BEZERRA, M A. Visão Panorâmica de Concepções de Leitura. IN: **Coletânea de Textos Didáticos** – Campina Grande – UEPB. 2002. Vol VI.

BRANDÃO, H. H. N. e MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. IN: **Coletânea de textos didáticos**. Campina Grande: UEPB, 2002. VI.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília 1997.

_____, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília 2001.

FERREIRO, E., TEBEROSKY: A. e PALÁCIOA, M.G: **Os Processos de Leitura e Escrita**: novas perspectivas. Porto Alegre: Artes médicas, 1987.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, Autores Associados/Cortez, 1997.

GALLIANO, A G.: **O método científico**: teórico e prática. São Paulo: Harbra, 1986.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**: leitura e produção. Cascavel, Assoeste, 1984.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: Teoria e Prática. 10º ed., Campinas – SP: Pontes, 2004.

VALE, A. R. O. do. Leitura e compreensão de textos: Análise de Propostas de Professores em Formação. IN: **Coletânea de textos didáticos**; UEPB – Campina Grande: 2002. VI.

SOARES, M. B. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura-perspectiva interdisciplinar**. São Paulo: Ática, 1998.

SOLIGO, R. Para Ensinar a Ler. IN: **Curso de formação de educadores de adultos**, 2005.

7. ANEXOS



Nome _____

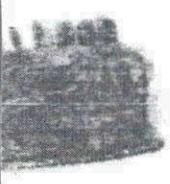
copie



b _ l _



b _ l _



b _ l _

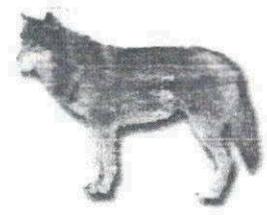


b _ l _

Escolha as formas iguais e descubra palavras.



bola
bala



lobo
bolo



bota
bela



balão
botão

Escolha as formas iguais e descubra palavras.

me

a

pa

pa

me

não

ni

pi

ma

no

no

Nome: _____

Data: _____

Professora: _____

LEIA E COPIE O ALFABETO.

A B C D E F G

--	--	--	--	--	--	--

H I J K L M N

--	--	--	--	--	--	--

O P Q R S T U

--	--	--	--	--	--	--

V W X Y Z

--	--	--	--	--

ESCREVA COMPLETANDO AS LETRAS QUE FALTAM NO ALFABETO.

A ___ C ___ E ___ G ___ I ___
K ___ M ___ O ___ Q ___ S ___
U ___ W ___ Y ___

NO ALFABETO TEMOS:

AS VOGAIS

A E I O U

E AS CONSOANTES

B C D F G H J K
L M N P Q R S T
V W X Y Z



Perguntas utilizadas nas entrevistas com os Professores

1- Qual a forma que você utiliza no dia a dia com os seus alunos?

2- Quais os pontos positivos e negativos e quais dificuldades encontradas em relação à leitura e escrita?

3- Qual a sugestão pela sua experiência que melhoraria na leitura e na escrita?

4- Segundo Paulo Freire ele vê que os alunos aprendem melhor quando eles aprendem a ler o mundo na realidade deles. O que você acha.

1750 / BIP / 1750